

Pierre Bourdieu

A Distinção

crítica social do julgamento

ZOUK

ed^{usp}

Copyright © 2006 Editora Zouk (edição brasileira)
Copyright © 1979/1982 by Les Editions de Minuit

Título original: La Distinction: critique sociale du jugement
Paris, Col. "Le Sens Commun"
ISBN do original francês: 2-7073-0275-9

Projeto gráfico: Alexandre Dias Ramos
Tradução: Daniela Kern & Guilherme J. F. Teixeira
Revisão técnica: Alexandre Dias Ramos & Daniela Kern & Odaci Luiz Coradini
Editoração: William C. Amaral
Tabelas e gráficos: Mayana Martins Redin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Brasil)

B778d

Bourdieu, Pierre. 1930-2002
A Distinção: crítica social do julgamento / Pierre Bourdieu;
tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. --
São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
560p.
Tradução de: La distinction: critique sociale du jugement
Anexos
ISBN 978-85-88840-68-3
ISBN 978-85-314-1030-7

1. Classes sociais - França. 2. Estética francesa. 3. Arte - Aspectos sociais. 4. Crítica. I. Título.

07-2879.

CDD - 306.0944
CDU - 316.722(44)

1ª edição

direitos reservados à

EDITORA ZOUK
r. garibaldi, 1329
90035-052 - bom fim - porto alegre - rs - brasil
f. 51 3024-7554 e 3012-0057
zouk@editorazouk.com.br - www.editorazouk.com.br

EDUSP
av. prof. luciano gualberto, travessa j, 374, 6º andar
ed. da antiga reitoria - cidade universitária
05508-900 - são paulo - sp - brasil
f. 11 3091-4150 / 4008. sac. 11 3091-2911. fax. 11 3091-4151
edusp@usp.br - www.edusp.com.br

Printed in Brazil 2007

Foi feito o depósito legal

se, corrigindo-se, retratando-se; e, através de suas tentativas desesperadas para voltar a apropriar-se de um ser-para-o-outro alienado, oferece precisamente a ocasião à apropriação, traindo-se tanto por sua hipercorreção quanto por sua falta de jeito. Assim, a timidez manifestada, a contragosto, pelo corpo objetivado e que se deixa confinar no destino proposto pela percepção e pela enunciação coletivas – que se pense nos apelidos e alcunhas – é *atraída* por um corpo submetido à representação dos outros, inclusive, em suas reações passivas e inconscientes (a sensação de enrubescer). Ao contrário, a naturalidade, essa espécie de indiferença ao olhar objetivante dos outros que neutraliza seus poderes, supõe a *segurança* fornecida pela certeza de ser capaz de objetivar essa objetivação, apropriar-se dessa apropriação, de estar em condições de impor as normas da percepção de seu corpo, em resumo, de dispor de todos os poderes que – apesar de estarem sediados no corpo e de lhe pedirem de empréstimo, aparentemente, suas armas específicas, tais como a postura imponente ou o encanto – lhe são essencialmente irredutíveis. É assim que se deve compreender o resultado da experiência de Dannenmaier e Thumin na qual os indivíduos, convidados a avaliar, de memória, a altura de pessoas conhecidas, tendiam a superestimá-la na mesma proporção em que era mais importante a autoridade ou o prestígio dessas pessoas para os entrevistados.²⁸ Tudo leva a pensar que a lógica que impele a perceber os “grandes” como se fossem ainda maiores aplica-se de maneira bastante geral e que a autoridade, seja de que ordem for, contém um *poder de sedução* que, só por ingenuidade, pode ser reduzido ao efeito de um servilismo interesseiro. Eis porque a contestação política tem recorrido sempre à *caricatura*, deformação da imagem corporal destinada a *quebrar o encanto* e ridicularizar um dos princípios do efeito de imposição da autoridade.

O *encanto* e o *carisma* designam, de fato, o poder de alguns para impor, como representação objetiva e coletiva de seus próprios corpos e existências, a representação que têm de si mesmos, assim como para levar o outro, a exemplo do que se passa com o amor ou com a crença, a *abdicar de seu poder genético de objetivação* a fim de delegá-lo àquele que seria seu objeto e que, assim, encontra-se constituído como objeto absoluto, sem exterior – já que ele é outro para si mesmo –, plenamente justificado em sua existência, legitimado. O chefe carismático consegue ser para o grupo o que ele é para si mesmo, em vez de ser para si próprio, à maneira dos dominados da luta simbólica, o que ele é para o outro; ele “faz”, como se diz, a opinião que o fabrica; ele constitui-se como incontornável, sem exterior, absoluto, por uma simbólica do poder que é constitutiva de seu poder já que ela permite-lhe produzir e impor sua própria objetivação.

Os universos de possíveis estilísticas

Assim, os espaços das preferências relativas à alimentação, ao vestuário e à cosmética organizam-se segundo a mesma estrutura fundamental, ou seja, a do espaço social determinado pelo volume e pela estrutura do capital. Para construir completamente o espaço dos estilos de vida no interior dos quais se definem os consumos culturais, conviria estabelecer, para cada classe e fração de classe, ou seja, para cada uma das configurações do capital, a *fórmula geradora do habitus* que, em um *estilo de vida* particular, retraduz as necessidades e as facilidades características dessa classe de condições de existência (relativamente) homogêneas e, feito isso, determinar a maneira como as disposições do

habitus se especificam, para cada um dos grandes domínios da prática, realizando uma ou outra das *possíveis estilísticas oferecidas por cada campo*: o do esporte e o da música, o da alimentação e o da decoração, o da política e o da linguagem, e assim por diante. Ao sobrepor esses espaços homólogos, obter-se-ia uma representação rigorosa do espaço dos estilos de vida permitindo caracterizar cada um dos traços distintivos – o uso do boné ou a prática do piano – sob as duas relações em que ele se define objetivamente, ou seja: por um lado, em relação ao conjunto dos traços constitutivos do domínio considerado – por exemplo, o sistema dos penteados –, sistema das possibilidades no interior do qual ele assume seu valor distintivo; e, por outro, em relação ao conjunto dos traços constitutivos de um estilo de vida particular – o estilo de vida popular – no interior do qual se determina sua significação social. Assim, por exemplo, para cada novo recém-chegado, o universo das práticas e dos espetáculos esportivos apresenta-se como um conjunto de escolhas previamente determinadas e de possibilidades objetivamente instituídas – tradições, regras, valores, equipamentos, técnicas, símbolos – que recebem sua significação social do sistema constituído por elas e que ficam devendo, em cada momento, uma parcela de suas propriedades à história.

É impossível compreender a ambigüidade social de um esporte, tal como o rúgbi que, ainda praticado nas “escolas da elite”, pelo menos, na Inglaterra, tornou-se, na França, o apanágio das classes populares e médias das regiões ao Sul do rio Loire – conservando, ao mesmo tempo, alguns baluartes “universitários”, tais como o Racing ou o SBUC –, se não se tiver em mente a história do processo que, nas “escolas da elite” da Inglaterra do século XIX, conduz à transmutação dos *jogos populares em esportes de elite*, associados a uma moral e a uma visão do mundo aristocráticas – *fair play, will to win, etc.* –, mediante uma mudança radical de sentido e de função totalmente análoga à que afeta, por um lado, as danças populares ao assumirem as formas complexas da música erudita e, por outro, a história, sem dúvida, ainda pouco conhecida, do processo de divulgação, aparentado em vários aspectos à difusão da música clássica ou *folk* pelo disco de vinil que, em um segundo momento, transforma o esporte de elite em *esporte de massa*, não só como espetáculo, mas também como prática.

As *propriedades distribucionais* que advêm às diferentes práticas ao serem apreendidas por agentes detentores de um conhecimento prático de sua distribuição entre agentes que, por sua vez, estão distribuídos por classes hierarquizadas ou, se preferirmos, da probabilidade para as diferentes classes de praticá-las, devem muito, com efeito, ao passado de tais distribuições em razão dos efeitos de histerese: a imagem “aristocrática” de esportes, tais como o tênis ou a equitação, sem falar do golfe, pode sobreviver à transformação – relativa – das condições materiais do acesso, enquanto a *pétanque*, por suas origens e seus vínculos populares e meridionais – dupla maldição – é subsidiária de uma significação distribucional bastante próxima daquela atribuída ao aperitivo *Ricard* ou a outras bebidas *fortes*, assim como a todos os alimentos não só baratos, mas também *fortes* e, segundo se presume, fornecedores de energia por serem pesados, gordurosos e apimentados.

No entanto, as propriedades distribucionais não são as únicas a serem conferidas aos bens pela percepção que se tem a seu respeito. Pelo fato de que os agentes apreendem os objetos através dos esquemas de percepção e de apreciação de seus *habitus*, seria ingênuo supor que todos os praticantes do mesmo esporte – ou de qualquer outra prática – conferem o mesmo sentido à sua prática ou, até mesmo, praticam, propriamente falando, a mesma prática. Seria fácil mostrar que as diferentes classes não estão de acordo em relação aos ganhos esperados da prática do esporte, tratando-se dos ganhos específicos – propriamente corporais que não são, de modo algum, objeto de discussão relativamente ao fato de serem reais ou imaginários já que são realmente visados, tais como os efeitos sobre o corpo externo (por exemplo, a magreza, a elegância ou uma musculatura visível) ou os efeitos sobre o corpo interno (por exemplo, a saúde e o equilíbrio psíquico) – sem falar dos ganhos extrínsecos, tais como as relações sociais que podem ser estabelecidas mediante a prática do esporte ou as vantagens econômicas e sociais que, em determinados casos, tal prática pode garantir. E, apesar de existirem casos em que não há equívoco em designar a função dominante da prática, não se tem jamais o direito de supor que a expectativa das diferentes classes esperem a mesma coisa da mesma prática: assim, por exemplo, pode-se exigir da ginástica – aliás, essa é a demanda popular satisfeita pelo *culturismo* – a produção de um corpo forte e que exiba sinais exteriores de sua força ou, então, um corpo saudável – essa é a demanda burguesa que encontra satisfação em uma ginástica com função essencialmente higiênica – ou, ainda, com as “novas ginásticas”, um corpo “liberado” – essa é a demanda característica das mulheres das novas frações da burguesia e da pequena burguesia.²⁹ Somente uma análise metódica das variações da significação e função atribuídas às diferentes práticas esportivas poderia permitir, por um lado, escapar às “tipologias” abstratas e formais baseadas – essa é a lei do gênero – na universalização da experiência concreta do pesquisador e, por outro, construir a *tabela dos traços sociologicamente pertinentes* em função dos quais os agentes se determinam (consciente ou inconscientemente) na escolha de suas práticas esportivas.

O sentido das práticas esportivas está tão fortemente associado à frequência e à antiguidade da prática, às condições socialmente qualificadas em que ela se realiza (lugar, momento, equipamentos, instrumentos, etc.), à maneira de realizá-la (por exemplo, a posição ocupada na equipe, o estilo, etc.) que se torna bastante difícil interpretar a maior parte dos dados estatísticos disponíveis, sobretudo, em relação a todas as práticas com forte dispersão: por exemplo, a *pétanque*, cujo sentido se altera completamente conforme for praticada regularmente, em cada fim de semana, em um terreno apropriado, com parceiros regulares ou ocasionais, durante as férias, como brincadeira de improviso, para divertir as crianças; ou, mais ainda, a ginástica que difere totalmente segundo se trate da simples cultura física cotidiana ou semanal, praticada em casa, sem equipamentos especiais, ou da ginástica praticada em uma sala especializada, cuja “qualidade” (e preço) varia ainda segundo as instalações e serviços que ela oferece (sem falar da ginástica esportiva ou das diferenças entre a ginástica clássica e todas as formas de “nova ginástica”). Mas, será que se pode colocar na mesma classe, com frequência idêntica, aqueles que praticam o esqui ou o tênis, desde a mais tenra idade, e aqueles que tiveram acesso a esta prática na idade adulta ou, ainda, aqueles que praticam o esqui nos períodos de férias escolares e aqueles

COLUN
PGEPI
suplente
PGEPI/Orientadora

Defesa Pública. Caso o
encontra-se em anexo,
Secretaria do PPG, antes
minadora emitirá um dos

samente,

A força e a forma



“Eu já era bastante forte para a minha idade e, mesmo assim, em três meses, ganhei 12 cm de envergadura de ombro a ombro, 8 cm de peito e 3 cm de massa muscular nos braços. É realmente estupendo.”

“Superei todas as minhas expectativas. Meus músculos ganharam vários centímetros e minha força duplicou.”

“Sinto-me completamente rejuvenescido. Meus parentes e amigos zombavam de mim; agora, meu pai pede-me para tirar a camisa a fim de mostrar aos convidados o que consegui na Academia de vocês.”

La maison de Marie-Claire, nº 56, oct. 1971.



“A aula de tênis do Presidente Valéry Giscard d’Estaing, Paris, julho de 1978 – À semelhança de um número crescente de franceses, o presidente Valéry Giscard d’Estaing interessa-se pelo tênis. Para aperfeiçoar seu estilo, agora, ele tem aulas regulares, bem cedo de manhã, em um clube dos subúrbios de Paris, em cuja quadra foi surpreendido por nosso fotógrafo.”

“Impossível ser um esteta da moda sem ser sensível à harmonia do corpo”, explica Karl Lagerfeld. O estilista parisiense dedica trinta minutos, no mínimo, em cada manhã, para manter a forma. Seu quarto de dormir, transformado em pequena sala de cultura física, dispõe dos mais diversos equipamentos: bicicleta ergométrica, barra e halteres, máquina de remar, vibromassageador, etc. Todos estes aparelhos permitem-lhe, no retorno das férias na cidade balneária de Saint-Tropez (período em que nadou muito), manter a forma dentro de casa à sua maneira: “Quero ter a liberdade de escolher a minha silhueta.”

Prospecto desdobrável de *Sculpture humaine*

Tennis-magazine/Syigma

que têm os meios de praticá-la a contratempo ou, se é que se pode falar assim, a contralugar, com o esqui fora de pista ou o esqui de fundo? De fato, por falta de homogeneidade social dos praticantes, salvo raras exceções, os públicos definidos pela prática da mesma atividade funcionam como campos em que a própria definição da prática legítima está em jogo: os conflitos a propósito da maneira legítima de praticar ou das condições, mais ou menos raras, da prática – créditos, instrumentos, espaços, etc. – retraduzem quase sempre diferenças sociais na lógica específica do campo. Assim, determinados esportes que se “democratizam” podem fazer coincidir – freqüentemente, em espaços ou tempos separados – públicos socialmente diferentes que correspondem a idades diferentes do esporte considerado. Deste modo, no caso do tênis, os membros dos clubes privados, praticantes de longa data que estão mais do que nunca vinculados ao rigor do traje (camisa Lacoste, *short* – ou saia – de cor branca, calçado especial) e a tudo o que condiz com ele, opõem-se em todos os aspectos aos novos praticantes dos clubes municipais ou dos clubes de férias que fazem ver que o ritual do vestuário não é um atributo superficial da prática legítima: o tênis que se pratica com bermuda e T-shirt, com agasalho ou, até mesmo, com sunga e Adidas é realmente *um outro* tênis, tanto na maneira de praticá-lo quanto nas satisfações que ele proporciona. Assim, convém evitar a expectativa de quebrar o círculo segundo o qual, por um lado, o senso da prática ilumina a distribuição das práticas entre as classes e, por outro, essa distribuição ilumina o senso diferencial da prática, segundo as classes, ao invocar a definição chamada “técnica”: longe de escapar à lógica do campo e de suas lutas, esta tem a ver, quase sempre, com aqueles que, a exemplo dos professores de educação física, devem garantir a imposição e a inculcação metódica dos esquemas de percepção e de ação que, na prática, organizam as práticas e são levados a fundamentar na razão e na natureza a explicitação, mais ou menos bem-sucedida, dos esquemas práticos que eles produzem.

De qualquer modo, basta ter consciência de que as variações das práticas esportivas, segundo as classes, referem-se tanto às variações da percepção e da apreciação das *vantagens*, imediatas ou diferidas, que supostamente elas devem proporcionar, quanto às variações dos *custos* econômicos, culturais e também, se é que se pode falar assim, corporais – maior ou menor risco, dispêndio físico mais ou menos importante, etc. –, para compreender em suas grandes linhas a distribuição das práticas entre as classes e as frações de classe. Tudo se passa como se a probabilidade de praticar os diferentes esportes dependesse, nos limites definidos pelo capital econômico (e cultural), assim como pelo tempo livre, da percepção e da apreciação dos lucros e custos intrínsecos e extrínsecos de cada uma das práticas em função das disposições do *habitus* e, mais precisamente, da relação com o próprio corpo que é uma de suas dimensões.³⁰ A relação *instrumental* com o próprio corpo que as classes populares exprimem em todas as práticas que têm o corpo como objeto ou pretexto – regime alimentar ou cuidados de beleza, relação com a doença ou cuidados com a saúde – manifesta-se também na escolha dos esportes que, além de implicarem um grande investimento de esforços, de dificuldade ou, até mesmo, de sofrimento (tal como o boxe), exigem, às vezes, a *utilização do próprio corpo* – tais como a motocicleta, o pára-quedismo, todas as formas de acrobacia e, em certa medida, todos os esportes de combate.

O rúgbi – que acumula os traços populares do futebol (ou jogo de bola) e do combate que utiliza o próprio corpo e permite a expressão (parcialmente regulamentada) da violência física e um uso imediato das qualidades físicas “naturais” (força, rapidez, etc.) – está em afinidade com as disposições mais tipicamente populares: culto da virilidade e gosto pelas brigas, dureza no “contato” e resistência à fadiga e à dor, senso da solidariedade (“os companheiros”) e da festa (“o terceiro meio-tempo”), etc. O que não impede que ele possa ser objeto, sobretudo, por parte dos membros das frações dominantes da classe dominante – ou de intelectuais que, consciente ou inconscientemente, exprimem seus valores –, de um investimento estético-ético que, às vezes, leva até a prática: a busca de resistência a esforço prolongado, o culto das virtudes viris mesclado, algumas vezes, de um estetismo da violência e do combate de homem a homem impelem a elevar ao nível do discurso as disposições profundas dos praticantes do primeiro grau que, pouco propensos à verbalização e à teorização, são reenviados pelo discurso de enquadramento – aquele dos treinadores, dos dirigentes e de uma fração dos jornalistas – à docilidade da força bruta e submissa (os “rapazes gentis”), assim como da força popular em sua forma autorizada (abnegação, dedicação ao “coletivo”, etc.). No entanto, a reinterpretação aristocrática que, tradicionalmente, estava apoiada nos valores de “bravura”, associados ao jogo da “linha de três-quartos”, encontra seus limites na realidade do rúgbi moderno que – sob os efeitos conjugados de uma racionalização da técnica do jogo e do treino, além de uma transformação do recrutamento social dos jogadores e da ampliação do público – atribui a predominância a um jogo de atacantes ao qual se faz menção, com uma frequência cada vez maior, na linguagem do mais obscuro trabalho industrial (“pegar no batente”) ou do sacrifício do soldado de infantaria (“homens de dever”).³¹

Tudo parece indicar que a preocupação com a cultura do corpo aparece, em sua forma elementar – ou seja, enquanto culto higienista da saúde, muitas vezes, associado a uma exaltação ascética da sobriedade e do rigor dietético – nas classes médias (quadros médios, empregados dos serviços médicos e, sobretudo, professores primários e, particularmente, entre as mulheres dessas categorias, fortemente, feminilizadas) que, conforme se sabe, mostram-se especialmente ansiosas com a aparência e, por conseguinte, com seu corpo para o outro e, por isso, dedicam-se de maneira particularmente intensiva à ginástica, o esporte ascético por excelência já que se reduz a uma espécie de treino (*askesis*) pelo treino. Se é conhecido que, de acordo com a demonstração da psicologia social, a pessoa se aceita tanto melhor quanto mais distraída estiver de si – essa é a própria definição de *naturalidade* –, mais disposta a desviar a atenção de si mesma, mais capaz de escapar ao fascínio por um corpo próprio possuído pelo olhar dos outros – conviria evocar o olhar de ansiedade interrogativa retornando para si o olhar dos outros tão freqüente, atualmente, entre as mulheres da burguesia que não *podem* envelhecer – compreende-se que as mulheres da pequena burguesia estejam dispostas a sacrificar muito tempo e esforços para terem acesso ao sentimento de serem conformes às normas sociais da apresentação de si que é a condição do esquecimento de si e de seu corpo para o outro (F.C., LXI).

No entanto, a cultura física e todas as práticas estritamente higiênicas, tais como a caminhada ou o *footing*, estão vinculadas por outras afinidades às disposições das frações mais ricas em capital cultural das classes médias e da classe dominante: na maior parte

Tabela 21 – Variações das práticas esportivas e dos julgamentos sobre o esporte (F.C., XXXVIII)

	agricultores	operários	artesãos, pequenos comerciantes	empregados, quadros médios	quad. superiores, prof. liberais	Homens	Mulheres
assistem bastante, ou com frequência, a competições esportivas	20	22	24	18	16	26	10
assistem pela TV (ou escutam pelo rádio) bastante, ou com frequência, a competições esportivas	50	62	60	60	50	71	47
teriam o desejo de que o filho se tornasse um grande campeão esportivo	50	61	55	44	33	52	47
pensam que, atualmente, não se liga importância suficiente ao bom desenvolvimento físico das crianças na distribuição do tempo escolar	23	48	41	60	71	47	39
praticam, de maneira regular, um ou vários esportes (com exclusão da natação, se esta for praticada apenas durante as férias)	17	18	24	29	45	25	15
não praticam, atualmente, nenhum esporte com regularidade, mas já tiveram tal prática	26	34	41	34	33	42	21
nunca praticaram esportes de uma forma regular	57	48	35	37	22	33	64
praticam, regularmente:							
. tênis	-	1,5	2,5	2,5	15,5	2	2,5
. equitação	1,5	0,5	1	1,5	3,5	1	1
. esqui	3,5	1,5	6,5	4,5	8	3	3
. natação	2,0	2,5	3,5	6,5	10	4	3
. ginástica	0,5	3	0,5	5	7	1,5	4
. atletismo	-	1,5	0,5	2,5	4	2	0,5
. futebol	2,5	6	4,5	4	4	7	0,5

Das estatísticas disponíveis (cf. lista das Fontes Complementares), é possível extrair apenas as tendências mais gerais que são confirmadas por toda parte, a despeito das variações relativas à imprecisão da definição da prática, de sua frequência, de suas ocasiões, etc. (sem contar a superestimação das taxas reais de prática – sem dúvida, desigual, segundo as classes – resultante do fato de que todas as pesquisas se baseiam nas *declarações* dos entrevistados e não poderiam tomar o lugar de verdadeiras pesquisas a partir de *públicos* de praticantes ou de espectadores). Eis porque, em uma tabela sinótica, apresentamos a parcela correspondente a cada classe ou ao sexo dos agentes detentores de determinada propriedade, segundo a pesquisa mais recente sobre as práticas esportivas e as opiniões a propósito do esporte (F. C., XXXVIII).

das vezes, adquirindo sentido apenas em relação a um conhecimento completamente teórico e abstrato dos efeitos de um exercício limitado, na ginástica, a uma série de movimentos abstratos, decompostos e organizados por referência a um fim específico e erudito – por exemplo, “os abdominais” –, diametralmente oposto aos movimentos totais e orientados para fins práticos da existência cotidiana, tais disposições supõem uma fé racional nos ganhos diferidos e, muitas vezes, impalpáveis que elas prometem (como a proteção contra o envelhecimento ou os acidentes associados à idade, ou seja, ganho abstrato e negativo). Assim, compreende-se que elas encontrem as condições de sua realização nas disposições ascéticas dos indivíduos em ascensão que são preparados para encontrar sua satisfação no próprio esforço e aceitar inconsideradamente – esse é o próprio sentido de toda a sua existência – as satisfações diferidas que são prometidas a seu sacrifício presente. Mas, além disso, pelo fato de ser possível sua prática solitária, ou a contratempo e a contralugar, por uma busca quase consciente da distância máxima em relação aos outros (corridas na floresta, utilizando atalhos afastados, etc.), além de excluírem, portanto, qualquer

FOLIO
 PGEPID
 iupiente
 PGEPID/Orientadora

Defesa Pública. Caso o
 encontra-se em anexo,
 Secretaria do PPG, antes
 minadora emitirá um dos

samente,

concorrência e competição (essa é uma das diferenças entre a corrida e o *footing*), elas inscrevem-se naturalmente no número dos expedientes éticos e estéticos que definem o aristocratismo ascético das frações dominadas da classe dominante.

É claro que os esportes de equipe – por exigirem apenas competências (“físicas” ou adquiridas), quase igualmente distribuídas entre as classes, além de serem acessíveis nos limites do tempo e da energia física disponíveis – deveriam ser praticados com uma frequência cada vez maior à medida que se sobe na hierarquia social, como é o caso dos esportes individuais, se, em conformidade com uma lógica observada em outros domínios (por exemplo, a prática fotográfica), sua própria acessibilidade e todas as propriedades correlatas, como os contatos sociais indesejáveis, não os tornassem detestáveis para os membros da classe dominante. E de fato, os esportes mais tipicamente populares – tais como o futebol e o rúgbi, ou a luta e o boxe que, em seus primórdios na França, deram grande prazer aos aristocratas (ou, pelo menos, àqueles que, sempre em número reduzido, colocavam aí seu esnobismo), mas que, ao “vulgarizarem-se”, deixaram de ser o que eram em relação à realidade e à percepção que os dominantes tinham a seu respeito – acumulam todas as razões para rechaçar os membros da classe dominante: a composição social de seu público que reduplica a vulgaridade inscrita no fato de sua divulgação, assim como os valores e as virtudes exigidas – força, resistência ao mal, disposição para a violência, espírito de “sacrifício”, de docilidade e de submissão à disciplina coletiva –, antítese perfeita da “distância ao papel” implicada nos papéis burgueses, exaltação da competição.

A prática regular do esporte varia bastante fortemente segundo a classe social, passando de 1,7% entre os agricultores ou de 10,1% e 10,6% entre os operários e os empregados para 24% entre os quadros médios e 32,3% entre os membros das profissões liberais – variações da mesma amplitude observam-se em função do nível de instrução, enquanto a diferença entre os sexos cresce, como alhures, quando se desce na hierarquia social (cf. *Collections de l'INSEE*, Série M, n° 2, juil 1970). As diferenças são ainda mais marcantes no caso de um esporte individual (por exemplo, o tênis), ao passo que, no caso do futebol, a hierarquia inverte-se, de modo que a taxa da prática mais elevada encontra-se entre os operários, seguidos pelos artesãos e pelos comerciantes. Estas diferenças que, em parte, se explicam pela ação de incentivo da escola resultam, também, do fato de que a diminuição da prática em decorrência da idade, muito brutal e relativamente precoce nas classes populares em que ela coincide com a saída da escola ou com o casamento (três quartos dos agricultores e operários deixaram de praticar esporte aos 25 anos) é muito mais lenta na classe dominante em que o esporte é explicitamente investido de uma função higiênica – como mostra, por exemplo, o interesse pelo desenvolvimento físico das crianças. (Assim, explica-se que, na tabela sinótica, a parcela daqueles que praticam regularmente um esporte qualquer, no momento considerado, cresça fortemente em função de sua posição na hierarquia social, enquanto a parcela daqueles que deixaram de praticar – após um período em que o haviam feito – varia pouco, atingindo inclusive sua taxa máxima entre os artesãos e os comerciantes).

Entre os principais freqüentadores dos espetáculos esportivos – e, sobretudo, dos mais populares – encontram-se os artesãos e comerciantes, operários, quadros médios e empregados (também, leitores contumazes do jornal de esportes *L'Équipe*); o mesmo

ocorre em relação ao interesse pelas reportagens televisivas (futebol, rúgbi, ciclismo, corridas de cavalos). Ao contrário, tanto nos estádios quanto na televisão, os membros da classe dominante consomem nitidamente menos espetáculos esportivos, verificando-se uma exceção para o tênis, assim como para o rúgbi ou o esqui.

Do mesmo modo que, nos tempos em que as práticas esportivas eram reservadas a alguns, o culto do *fair play* – maneira de jogar o jogo daqueles que possuem auto-domínio suficiente para não se deixarem arrastar pelo jogo ao ponto de esquecerem que se trata de um jogo – limitava-se a contribuir para a realização da verdade essencialmente distintiva do esporte, assim também, em um período em que o fato da prática já não era suficiente para afirmar a raridade dos praticantes, aqueles que entendiam comprovar sua excelência tiveram de afirmar seu desinteresse ao distanciarem-se de práticas desvalorizadas em decorrência das aparências de conformismo servil que elas haviam assumido ao se tornarem mais comuns. Para fugir das diversões comuns, basta que os privilegiados se deixem guiar, ainda neste aspecto, pelo horror dos ajuntamentos vulgares que os impele a procurar sempre – alhures, mais acima, mais longe, a contratempo e a contralugar – a exclusividade ou a primazia das novas experiências e dos espaços virgens, assim como pelo senso da legitimidade das práticas que depende, é claro, de seu valor distribucional, mas também do grau em que elas se prestam à estetização, seja na prática ou no discurso.³²

Todos os traços percebidos e apreciados pelo gosto dominante encontram-se reunidos por esportes, tais como golfe, tênis, iatismo, equitação (ou *jumping*), esqui (sobretudo, em suas formas mais distintivas, como o esqui de fundo), esgrima: praticados em espaços reservados e separados (clubes privados), em horário determinado pelo praticante, sozinho ou com parceiros *escolhidos* (ou seja, outros tantos traços opostos às disciplinas coletivas, aos ritmos obrigatórios e aos esforços impostos dos esportes coletivos), mediante um dispêndio corporal relativamente reduzido e, de qualquer modo, livremente determinado, apesar de exigir um investimento relativamente importante – e tanto mais rentável quanto mais precoce tiver sido – em tempo e em esforços de aprendizagem específica (o que os torna relativamente independentes das variações do capital corporal e de seu declínio com a idade), eles dão lugar apenas a competições altamente ritualizadas e regidas, para além dos regulamentos, por leis não-escritas do *fair play*: a troca esportiva assume aí o aspecto de uma troca social altamente controlada, excluindo qualquer violência física ou verbal, qualquer uso anômico do corpo (gritos, gestos desordenados, etc.) e, sobretudo, qualquer espécie de contato direto entre os adversários (muitas vezes, separados pela própria organização do espaço de jogo e diferentes rituais de abertura e de encerramento). Ou, então, com o iatismo, o esqui e todos os esportes californianos*, eles adotam o combate, comemorado em todas as épocas, contra a natureza, em vez das lutas entre homens, de homem a homem, dos esportes populares – sem falar das competições, incompatíveis com uma elevada idéia da pessoa.

* Atividades esportivas focalizadas na experiência individual, na estética e no prazer. (N.T.)

COLEÇÃO
PGEPID
suplente
PGEPID/Orientadora

Defesa Pública. Caso o
encontra-se em anexo,
Secretaria do PPG, antes
ministradora emitirá um dos

samente,

Compreende-se que os obstáculos econômicos – por mais importantes que sejam no caso do golfe, do esqui, do iatismo ou, até mesmo, da equitação e do tênis – são insuficientes para explicar a distribuição dessas práticas entre as classes: são os mais bem dissimulados direitos de entrada, tais como a tradição familiar e a *aprendizagem precoce* ou, ainda, a atitude (no duplo sentido de conduta digna e de maneiras corretas) e as técnicas de sociabilidade de praxe que interditam esses esportes às classes populares e aos indivíduos em ascensão das classes médias ou superiores e que os classificam entre os indicadores mais seguros indicadores (juntamente com os jogos chiques de sociedade, tais como o xadrez e, sobretudo, o bridge) da antiguidade na burguesia.³³

O fato de que as mesmas práticas tenham conseguido, em momentos diferentes, nem que fosse mediante a mudança de sentido e de função, atrair públicos aristocráticos ou populares, ou, no mesmo momento, assumir sentidos e formas diferentes para os diferentes públicos que elas atraem, é suficiente para servir de advertência contra a tentação de encontrar, na própria “natureza” dos esportes, a explicação completa de sua distribuição entre as classes. Mesmo que a lógica da distinção seja suficiente para justificar, no essencial, a oposição entre os esportes populares e os esportes burgueses, ocorre que é impossível compreender completamente a relação entre os diferentes grupos e as diferentes práticas a não ser com a condição de levar em consideração as potencialidades objetivas das diferentes práticas institucionalizadas, ou seja, os usos sociais que são favorecidos, desfavorecidos ou excluídos por essas práticas consideradas em sua lógica intrínseca e em seu valor posicional e distribucional. Pode-se estabelecer como lei geral que um esporte tem maiores possibilidades de ser adotado pelos membros de determinada classe social na medida em que não contradiz a relação com o corpo no que este tem de mais profundo e de mais profundamente inconsciente, ou seja, o *esquema corporal* enquanto depositário de uma verdadeira visão do mundo social, de uma verdadeira filosofia da pessoa e do próprio corpo. É assim que um esporte está predisposto, de alguma forma, para o uso burguês quando a utilização do corpo exigida por ele não lesa, de modo algum, o sentimento da alta dignidade da pessoa que, por exemplo, além de excluir a possibilidade de lançar o corpo nos combates obscuros do rúgbi de atacantes ou nas competições atentatórias à auto-estima do atletismo, exige que o indivíduo, levado pela preocupação de impor a representação indiscutível da própria autoridade, dignidade ou distinção, considere o corpo como um fim, transformando-o em um sinal e em um sinal de sua própria naturalidade: ao colocar o estilo, no primeiro plano, a maneira mais tipicamente burguesa de posicionar o corpo é reconhecível não só em certa *amplitude* dos gestos, da forma de andar, que manifesta, pela posição ocupada no espaço, o lugar que se ocupa no espaço social, mas sobretudo em um *tempo* contido, compassado e ponderado que, completamente oposto à pressa popular ou à precipitação pequeno-burguesa, caracteriza também o uso burguês da linguagem, e pelo qual se afirma a confiança de estar autorizado a tomar seu tempo e o dos outros. A afinidade entre as potencialidades objetivamente inscritas nas práticas e as disposições atinge seu grau mais elevado de visibilidade no caso da aviação, especialmente, militar: as façanhas individuais e a moral cavalheiresca dos aristocratas prussianos e dos nobres franceses que, tendo freqüentado Saumur, passaram para a esquadrilha – exatamente o que é evocado por *A grande ilusão* (1937) – estão implicadas na própria prática do vôo que, de acordo com o que é sugerido por todas as metáforas do sobrevôo e da altivez, está

associada à altivez social e moral, “certo sentimento da altitude que se vincula à vida espiritual”, como afirma Proust a propósito de Stendhal.³⁴ Qualquer oposição entre uma burguesia belicosa e chauvinista – que identificava as virtudes do chefe com a busca do risco viril e com a determinação do homem de ação – e uma burguesia multinacional e livre-cambista que situa o princípio de seu poder em suas capacidades de decisão e de organização, ou, em poucas palavras, *cibernéticas*, condensa-se na oposição entre a equitação, a esgrima, o boxe ou a aviação dos aristocratas e burgueses do início do século XX, por um lado, e, por outro, o esqui, o iatismo ou o vôo à vela dos grandes quadros modernos.

E do mesmo modo que uma história das práticas esportivas da classe dominante levaria, sem dúvida, ao aspecto mais profundo da evolução das disposições éticas, da representação burguesa do ideal humano e, em particular, da maneira de conciliar as virtudes corporais com as virtudes intelectuais, mantidas com o intuito de fazer sobressair o sentido do feminino, assim também a análise da distribuição, em determinado momento, das práticas esportivas entre as frações da classe dominante conduziria, sem dúvida, a alguns dos princípios mais bem dissimulados da oposição entre essas frações, tais como a representação – soterrada no mais profundo dos inconscientes – da relação entre a divisão do trabalho entre os sexos e a divisão do trabalho de dominação. E isso, sem dúvida, mais do que nunca atualmente, em que a educação branda e invisível pelo exercício esportivo e pelos regimes alimentares, conveniente para a nova moral higiênica, tende cada vez mais a substituir a pedagogia explicitamente ética do passado quando se trata de garantir a modelagem do corpo e da mente. Pelo fato de que os diferentes princípios de divisão pelos quais a classe dominante adquire sua estrutura nunca são perfeitamente independentes, tais como as oposições entre os mais afortunados de capital econômico e os mais bem providos de capital cultural, entre os herdeiros e os novos-ricos, os velhos e os jovens (ou os juniores), as práticas das diferentes frações tendem a distribuir-se, desde as frações dominantes até as frações dominadas, segundo uma série de oposições que, por sua vez, são parcialmente redutíveis umas às outras: oposição entre os esportes mais dispendiosos e os mais chiques – golfe, iatismo, equitação, tênis – ou as maneiras mais dispendiosas e as mais chiques de praticar esses esportes (clubes privados), por um lado, e, por outro, os esportes menos dispendiosos – passeio, caminhada, *footing*, cicloturismo, alpinismo, etc. – ou as maneiras menos dispendiosas de praticar os esportes chiques (por exemplo, em relação ao tênis, nos clubes municipais ou de férias); oposição entre os esportes “viris” que podem exigir um elevado investimento energético – caça, pesca à linha, esportes de combate, tiro aos pombos, etc. – e os esportes “introvertidos”, voltados para a exploração e a expressão de si – yoga, dança, expressão corporal –, ou “cibernéticos”, exigindo um elevado investimento cultural para um investimento energético relativamente reduzido.

Assim, as diferenças que separam os professores, os membros das profissões liberais e os empresários encontram-se como que condensadas em três práticas que – apesar de sua relativa raridade (da ordem de 10%), até mesmo, nas frações que as ostentam como distinção – aparecem como o traço distintivo de cada uma por serem nitidamente mais freqüentes nelas, em idade equivalente, do que nas outras (análise secundária de F.C. V e VI): o ascetismo aristocrático dos professores encontra uma expressão exemplar no alpinismo que, ainda mais do que a caminhada e suas trilhas reservadas – estamos pensando

COLI ID
PGEPID
duplente
PGEPID/Orientadora

Defesa Pública. Caso o
encontra-se em anexo,
Secretaria do PPG, antes
minadora emitirá um dos

samente,

em Heidegger – ou o cicloturismo associado às igrejas de estilo romano, oferece um meio de obter, ao menor custo econômico, o máximo de distinção, distância, altivez e elevação espiritual, através do sentimento de que se tem o controle de seu próprio corpo e, ao mesmo tempo, de uma natureza inacessível ao comum dos mortais,³⁵ enquanto o hedonismo higienista dos médicos e dos quadros modernos, detentores de meios materiais e culturais (associados à prática precoce) que lhes dão acesso às práticas mais prestigiosas e lhes permitem fugir dos ajuntamentos de massa, realiza-se nos passeios de barco, banhos em mar alto, esqui de fundo ou pesca submarina; por sua vez, os empresários esperam ganhar a mesma distinção pela prática do golfe, com seu rótulo aristocrático, seu léxico pedido de empréstimo ao inglês e seus amplos espaços exclusivos, sem falar dos lucros extrínsecos, tais como o *acúmulo de capital social*, que ela garante como suplemento.³⁵

Sabendo que, neste caso, a idade é, evidentemente, uma variável de grande peso, não será motivo de surpresa que as diferenças de idade social – as que opõem, para uma posição idêntica, os mais jovens e os mais velhos, do ponto de vista biológico, mas também, para a idade biológica idêntica, as frações dominadas e as frações dominantes ou as frações novas e as frações estabelecidas – retraduzem-se na oposição entre os esportes de tradição e todas as novas formas dos esportes clássicos (equitação na natureza, esqui de fundo ou fora de pista, etc.) ou todos os novos esportes, muitas vezes, importados da América do Norte pelos membros das novas burguesias, grande e pequena, assim como, em particular, por todas as pessoas da moda – estilistas, fotógrafos, manequins, publicitários, jornalistas – que inventam e vendem uma nova forma de *elitismo do pobre*, próximo daquele que caracterizava os professores, adotando, além disso, uma forma ainda mais ostensivamente liberada das convenções e das conveniências. A verdade dessa “contracultura” que, de fato, reativa todas as tradições dos velhos cultos tipicamente cultivados do natural, do puro e do autêntico, nunca teria sido, talvez, tão visível quanto no equipamento que um desses novos magazines dos acessórios do estilo avançado de vida – FNAC [*Fédération Nationale d’Achat des Cadres*], museu Beaubourg, *Nouvel observateur*, clubes de férias – propõe ao apreciador de caminhadas: parkas, calças *knickers*, jaquetas em puro *shetland* ou lã da terra, verdadeiros pulôveres em lã natural, casacas de caçadores canadenses, pulôveres de pescadores ingleses, impermeáveis das forças armadas dos EUA, camisas dos guardas florestais suecos, *fatigue pants*, calçados de operários norte-americanos, *rangers*, mocassins indianos de couro flexível, gorros de trabalhadores irlandeses, gorros de lã noruegueses, chapéus de selva, sem esquecer os apitos, altímetros, podômetros, guias de trilhas, aparelhos Nikon e outras engenhocas obrigatórias sem as quais não há retorno natural à natureza. E como será possível não reconhecer a dinâmica do sonho de vôo social na origem de todas as novas práticas esportivas – passeios a pé, a cavalo, em bicicleta, em motocicleta, em barco, canoagem, caiaque, motocicleta na natureza, arco-e-flecha, *windsurf*, esqui de fundo, vôo à vela, asa-delta – que, por terem em comum a exigência de um elevado investimento de capital cultural, no próprio exercício da prática, na preparação, na manutenção e na utilização dos instrumentos, assim como (sobretudo, talvez) na *verbalização* das experiências, são, de algum modo, para os esportes de luxo praticados pelos membros das profissões liberais e dos quadros de empresas o que a apropriação simbólica é para a apropriação material da obra de arte?

COLID
PGEPI
suplente
PGEPI/Orientadora

Defesa Pública. Caso o
encontra-se em anexo,
Secretaria do PPG, antes
ministradora emitirá um dos

samente,

O catálogo dos novos recursos esportivos

Extratos do *Catalogue des ressources*, co-edição de Librairies Alternative e Parallèles, 1977.

Expressão corporal

Gazelle

A respicito desta moça – impregnada pelos ensinamentos difundidos pela comunidade de *Arche*, no seio da qual ela havia vivido durante uma dezena de anos –, Lanza del Vasto escreveu o seguinte: “Em vez de ser uma questão de pernas, sua arte amadureceu, durante um longo período, no coração e na cabeça”; “ao promover suas várias apresentações, eu pretendia evitar a perda desta arte preciosa, inspirada tanto na dança hindu quanto nas imagens cristãs da Idade Média”. A abordagem de vida interior se pratica através de atividades em sessões cotidianas para prosseguir, em seguida, na vida; de fato, a busca da unidade interior é seu tema central. A dança, seja ela folclórica, religiosa ou criativa, ocupa o lugar de honra. Ela não é um fim em si, mas suporte de vida interior. A técnica é trabalhada, certamente, mas nunca em detrimento da distensão indispensável à harmonia da pessoa.

As mulheres descobrem o corpo pela dança

Para as mulheres, a dança representa, antes de tudo, um meio de tomar consciência do próprio corpo; neste sentido, trata-se de uma descoberta de si mesmas... A tomada de consciência do corpo pelas entrevistadas é acompanhada, às vezes, pela tomada de consciência do corpo enquanto meio particular de expressão. Para as mulheres, a dança é vivida como uma nova linguagem que permite uma auto-afirmação... Além disso, para metade das entrevistadas, esta atividade parece participar de um erotismo primário ou, ainda, de um auto-erotismo primário, de modo que essa tomada de consciência do corpo é vivida como um prazer... “É um momento em que sinto que tenho um corpo... creio que a dança pode fornecer-me uma harmonia comigo mesma...”, “... uma busca de mim mesma, o fato de me descobrir do ponto de vista físico”, “trata-se de sensações através do corpo... é um meio de falar, você pode exprimir muitas coisas!”, “é uma afirmação...”. “Ao dançar, sinto-me bem. Tomo consciência de mim. Em determinado momento, abandonei a dança durante dois anos... então, senti falta de algo... É uma necessidade”.

Charretes

Éramos quatro moças, dois rapazes, um cavalo alugado, uma charrete comprada e uma bicicleta

Saímos de La Charité-sur-Loire, no Departamento de Nièvre, sem rumo definido. Durante um mês, percorremos 300 km até Montaignut-en-Combraille (Puy-de-Dôme), passando por estradas vicinais da região de Bourbon. Andávamos a uma velocidade média de 3 km por hora (era tudo o que permitia a forma e o humor do cavalo); deste modo, fazíamos 15 a 20 km por dia. O fato de andarmos a 3 km por hora permitia-nos fazer um montão de coisas impossíveis de realizar quando viajamos de carro: colher amoras, andar de bicicleta, bater papo com as pessoas nas aldeias, subir na charrete, banhar-se nos riachos, fazer amor... Ao cabo de alguns dias, tínhamos perdido completamente a noção do tempo – o tempo de um dia comum: pegar no batente, rangar, nanar.

Vôo livre

Uma asa-delta é uma vela montada sobre uma estrutura de alumínio, uma espécie de grande pipa, cujo barbante é substituído pelo peso de um sujeito suspenso em uns arreios, e com a qual ele se lança do alto de um morro para VOAR.

A iniciação se faz sobre colinas, encostas com grama, bancos de areia, apenas a alguns metros do chão. Geograficamente, pode-se voar em toda parte: desde os Pireneus até os Vosges; desde os entulhos de mina da região Norte à cadeia montanhosa do Jura e dos Alpes, passando pelo Departamento de Puy-de-Dôme.

Caminhada

Parece incrível, mas há pessoas que vivem sem saber que, para evitar o mundo sufocante da cidade, basta sair na estação "Porte de Saint-Cloud" do metrô... e deparar-se com a trilha da *Grande Randonnée* nº 1!!! É isso mesmo!!! Dir-se-ia que se trata do relato, desconexo e enuviado, que uma pessoa faz de seu sonho ao tomar o café da manhã. E, no entanto, isso é verdade: no extremo da Avenue de Versailles, em Paris, encontra-se o ponto de partida para 565 km (não é pouco!) de circuitos pedestres, SEM ATRAVESSAR UMA ÚNICA AGLOMERAÇÃO!

A pelada*

Há algum tempo, assiste-se ao desenvolvimento de um futebol "à margem": fora de clubes, sem campeonato e, muitas vezes, inclusive, fora do estádio. Os tradicionais uniformes de cor única dão lugar para as camisetas profusamente coloridas, de todos os tipos, até mesmo, indianas. Os *shorts* são raros, enquanto floresce o *jeans*. As chuteiras pesadas com grampos e completamente envoltas em cadarços, um tanto complicados, são raríssimas e provocam o ajuntamento de curiosos antes da "partida"; os tênis e os *clarks* são muito mais utilizados.

O número de jogadores é bastante variável e atinge, raramente, o fatídico algarismo de onze. O sexo nem sempre é masculino e, inclusive, lembro-me de algumas partidas jogadas na lama invernal do Parc-de-Sceaux em que cada time incluía três ou quatro moças, cujos sapatos com salto constituíam um deleite para seus tornozelos ou suas tíbias, nem sempre em condições adversas! Tratava-se de partidas homéricas, com dois ou três meios-tempos, no decorrer dos quais os menos ofegantes iam fumar uns baseados; os resultados-tipo eram da ordem de 32 a 38.

A idade, também, é quase sempre bastante variável. Nada a ver com categorias do tipo dente-de-leite, mirim, infantil, juvenil, júnior, sênior ou veterano; e os garotos de onze-doze anos são o gênero de pernilongos de quem dificilmente conseguimos nos desembaraçar.

Evidentemente, as regras não são cumpridas ao pé da letra. Aliás, na maior parte do tempo, não há juiz. A expulsão só é aplicada em caso de abuso flagrante – por exemplo, quando um jogador permanece, durante toda a partida, grudado perto do gol adversário, na expectativa de recuperar uma bola perdida. Não existem linhas laterais; assim, muitas vezes, as quadras de futebol eram muito mais largas do que compridas! Por sua vez, as faltas são cobradas quando são puxadas as camisetas uns dos outros. Os times formam-se à medida que os jogadores vão chegando, no decorrer da partida.

O espírito de competição não está completamente excluído, mas estamos bem longe do fanatismo de alguns times "profissionais". De fato, quem vem chutar uma bola não está na quadra para vencer a qualquer preço, já que não existe uma posição a ser defendida: raramente os mesmos times se defrontam duas vezes, os períodos de jogo são bastante elásticos e o resultado é, às vezes, bastante aproximado (um ou dois pontos de diferença). E quando uma equipe é manifestamente superior, procede-se a um reequilíbrio com "transferências" de jogadores entre os dois times. (...) De modo que existe aí um estado de espírito bastante diferente daquele que, na maior parte do tempo, se aprende nas equipes de colégios ou de liceus.

A solução? Quem sabe, ela possa vir, em parte, dos professores de ginástica do tipo daquele que entregava uma bola a cada jogador para evitar qualquer espírito de competição – história autêntica já que o professor em questão teve, inclusive, de enfrentar alguns problemas por ter rejeitado uma regra comumente aceita.

No próximo fim de semana, se vocês encontrarem alguns bandos de bichinhos cabeludos em peleja à volta de uma bola não hesitem em pedir-lhes para participarem do jogo. Não tenham medo; com certeza, eles não vão devorar vocês.

* No original, *Le foot sympa*. (N.T.)

De um modo tão nítido quanto nos gostos em matéria de teatro ou de literatura, duas relações opostas com o mundo social exprimem-se, igualmente, na oposição entre esportes clássicos e esportes californianos: por um lado, o respeito pelas formas e pelas formas de respeito que se manifesta na preocupação com a conduta e os rituais, assim como em todas as exibições sem complexo da riqueza e do luxo; e, por outro, a subversão simbólica dos rituais da ordem burguesa pela pobreza ostensiva que transforma a necessidade em virtude, de modo que a liberdade em relação às formas e a impaciência diante das obrigações – que, antes de mais nada, se exprime em matéria de vestuário ou cosmética, por exemplo, roupas informais e cabelos compridos (como ocorre em outros domínios com a *van* e o *camping-car*, ou o *folk* e o *rock*) – são desafios aos atributos obrigatórios dos rituais burgueses, ou seja, roupas de corte clássico ou carros de luxo, teatro de bulevar e ópera. E esta oposição entre duas relações com o mundo social resume-se, perfeitamente, em duas relações com o mundo natural: por um lado, o gosto pela natureza propriamente dita, selvagem; e, por outro, a natureza controlada, balizada, cultivada.

Assim, o sistema das práticas e dos espetáculos esportivos oferecidos, em determinado momento, à escolha dos “consumidores” potenciais está como que predisposto a exprimir todas as diferenças sociologicamente pertinentes nesse mesmo momento, ou seja, oposições entre os sexos, além das oposições entre as classes e as frações de classe: basta que os agentes se deixem levar pelas tendências de seu *habitus* para retomar por sua conta, sem o saber, a intenção imanente às práticas correspondentes, reconhecendo-se nessa prática em sua inteireza, ao mesmo tempo que reconhecem também todos aqueles que se reconhecem aí, ou seja, seus *semelhantes*. O mesmo se passa em todos os domínios da prática: cada consumidor deve contar com determinado estado da oferta, ou seja, com as possibilidades objetivadas – bens, serviços ou esquemas de ação, etc. –, cuja apropriação é um dos pretextos das lutas entre as classes e que, pelo fato de sua associação provável a classes ou frações de classes, são automaticamente classificadas e classificadoras, hierarquizadas e hierarquizantes. O estado observado da distribuição dos bens ou das práticas define-se no encontro entre as possibilidades oferecidas, em determinado momento, pelos diferentes campos de produção (presentes e passados) e as disposições socialmente diferenciadas que – associadas ao capital (definido em seu volume e sua estrutura) do qual são, quase completamente, o produto (segundo a trajetória) e em que elas encontram os meios de sua realização – definem o interesse por essas possibilidades, ou seja, a propensão e a aptidão em adquiri-las e convertê-las – pelo fato da apropriação – em sinais distintivos.

Assim, por exemplo, uma pesquisa sobre o mercado dos brinquedos, empreendida nesta perspectiva, deveria estabelecer, em primeiro lugar, os princípios específicos de estruturação de um campo de produção que, aí como alhures, faz coexistir, sem dúvida, estabelecimentos que diferem pela “idade” (desde as pequenas fábricas que produzem brinquedos de madeira até as grandes empresas modernas), por seu volume (resultado financeiro, número de funcionários) e, sobretudo, talvez, pela importância atribuída ao investimento “cultural”, ou seja, pelo grau em que a produção se apóia em uma pesquisa não só tecnológica, mas também psicológica; em segundo lugar, a partir de uma análise das condições em que se operam as compras de brinquedos e, em particular, do grau – sem dúvida, variável, segundo as classes – em que estão associados às ocasiões tradicionais,

COLI ID
PGEPID
duplente
PGEPID/Orientadora

Defesa Pública. Caso o
encontra-se em anexo,
Secretaria do PPG, antes
ministradora emitirá um dos

samente,

portanto, sazonais, de troca de presentes (Natal, dia 1º do ano), seria possível fazer a tentativa para determinar a significação e a função que as diferentes classes conferem, consciente ou inconscientemente, aos brinquedos em função de seus esquemas próprios de percepção e de apreciação, assim como, mais precisamente, em função de suas estratégias educativas que, por sua vez, são parte integrante de seu sistema de estratégias de reprodução, de modo que a propensão a conferir aos brinquedos uma função educativa será, sem dúvida, tanto mais forte quanto mais exclusivamente a reprodução da posição social depender da transmissão do capital cultural, portanto, quanto maior for o peso do capital cultural na estrutura patrimonial. E deveria ser examinada como a lógica da concorrência que opõe as empresas de diferentes tipos, diferentemente equipadas e, por conseguinte, levadas a defender produtos diferentes, é de algum modo arbitrada por diferentes categorias de clientes; neste caso, as empresas artesanais podem encontrar uma segunda carreira quando os brinquedos de madeira coincidem com o gosto pela matéria bruta e pelas formas simples das frações intelectuais, tão atraídas por todas as formas de jogos lógicos próprios para “despertar” ou “desenvolver” a inteligência, enquanto as empresas com elevado investimento cultural encontram um apoio espontâneo na intensificação da competição pelo diploma e pelo aumento generalizado dos investimentos educativos, assim como nesta espécie de publicidade espontânea prodigalizada aos produtos de seu gosto por aqueles que não cessam de apresentar seu próprio estilo de vida como exemplo e de erigir as inclinações de seu *ethos* como ética universal.³⁷ Os produtores de brinquedos culturais, cujo interesse vital consiste em fazer com que o mercado do brinquedo perca o caráter sazonal em decorrência de sua associação com as festas rituais, podem contar com o proselitismo de todos aqueles que são levados a acreditar e a fazer acreditar na eficácia pedagógica – em todo o rigor, indemonstrável – dos brinquedos e do jogo, a saber: psicólogos, psicanalistas, educadores, animadores de ludotecas e todos aqueles que mantêm estreita relação com uma definição da infância capaz de produzir um mercado para os produtos e os serviços destinados à criança.³⁸

Segue-se que a multiplicação das análises empíricas das relações entre campos relativamente autônomos de produção de uma classe particular de produtos e o público – que, às vezes, funciona como um campo (sem deixar de ser determinado por sua posição no campo das classes sociais) – dos consumidores desses produtos é a única forma, por um lado, de escapar realmente à abstração das teorias econômicas que se limitam a conhecer um consumidor reduzido a seu poder de compra (ele próprio reduzido à sua remuneração) e um produto caracterizado, de maneira igualmente abstrata, por uma função técnica supostamente idêntica para todos; e, por outro, de alicerçar uma verdadeira teoria científica da economia das práticas.³⁹

PGEPID
suplente
PGEPID/Orientadora

Defesa Pública. Caso o
encontra-se em anexo,
Secretaria do PPG, antes
ministradora emitirá um dos

samente,